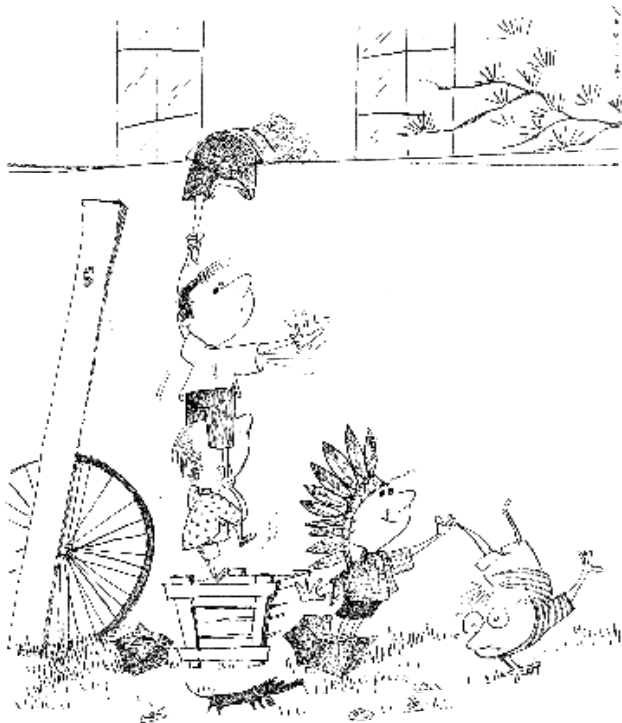


# Moacyr Scliar



**C**artas, recados, e-mails – A Elise B. Oliveira comenta a minirresenha que fiz aqui do filme *Hilary e Jackie*, baseado na vida da infeliz violoncelista Jacqueline Du Pré, e que se revelou, em minha opinião e na opinião de muitas pessoas, uma bela obra cinematográfica sobre a arte, o amor, a morte. Contudo, pondera Elise, a Veja caiu de pau em cima do filme, alegando que ele deturpa a verdade. Não só a Veja, Elise. No mundo inteiro, a história foi contestada. Acontece que o filme é baseado num livro da irmã de Jacqueline, Hilary, também musicista. As relações entre as duas eram complicadas (até um “empreste-me seu marido” houve), de modo que não se pode esperar muita fidelidade do relato. Mas, abstraindo esse aspecto, a narrativa sustenta-se por si só, ainda que como ficção. Aliás, quem sabe onde começa a ficção e termina a realidade? Por sinal, uma outra polêmica tem envolvido a figura de Rigoberta Menchu, líder indígena guatemalteca e vencedora do Nobel da Paz. Parece que em seu livro de memórias há várias inverdades; por exemplo, ela diz que teve uma infância pobre e que não pôde estudar, mas na realidade frequentou bons colégios. Esses “enfeites” teriam sido sugeridos por assessores para tornar mais dramática a campanha de Rigoberta; a velha história segundo a qual a mentira progressista é melhor do que a verdade reacionária. Com o tempo, Elise, a gente aprende a ignorar esses detalhes e a se fixar no que é fundamental. \*\*\*

## Diário de Bordo

O Gilberto Testa, que está divulgando dados sobre o tabagismo, informa que o Rio Grande do Sul gasta mais de R\$ 2,5 bilhões por ano em cigarro. Já pensaram quantas Fords daria para trazer com esse dinheiro? Verdade que as companhias de cigarro não iriam gostar, mas mercado é mercado, não é mesmo? \*\*\* Mais nomes que condicionam destinos. O Luiz Costa, um veterano dos palcos gaúchos (trabalhou no lendário Teatro de Equipe – lembra, Ivete Brandalise?), diz que assistiu a um jogo de futebol cujo árbitro era o Vilnei Justiça. Agora, dependendo de sua arbitragem, Luiz, nem com esse sobrenome o Vilnei escapa da ira dos torcedores. O Cláudio Zanatta, de Ibirubá, diz que na região há uma serralha cujo dono é Romeu Korte. Ele deveria se associar com a Julieta Serra, não acha, Zanatta? O Sergio Bechelli, que agora assessora empresas na área da saúde, conta que no Rio há um médico que dá cursos sobre obesidade. Nome do profissional: Dr. Magriço.

□ □ □

## Minha vida como ladrão

**e**sses dias um aviso misterioso surgiu subitamente na tela do meu computador. Não lembro mais o texto exato, mas dizia que eu acabava de cometer um ato ilegal e que seria desligado (o computador, o programa ou eu, não ficou claro). Como para mim o computador vem logo abaixo de Deus, na escala das onipotências, fiquei muito preocupado, sobretudo porque não conseguia descobrir qual das minhas ações tinha violado a lei. Depois de pensar muito, contudo, cheguei à conclusão de que aquele equivalente do Big Brother tinha, mediante misteriosas conexões, vasculhado o meu passado e descoberto um crime que eu julgava não apenas prescrito como esquecido. Sim, fui um ladrão. Um ladrão de botões.

Aqui é preciso explicar. Como muitos garotos de minha idade, eu era vidrado no futebol de mesa (no qual me saía bem melhor do que no futebol propriamente dito). Hoje, é só entrar na loja e comprar o equipamento completo para esse jogo, mas, à época, por falta desse equipamento e também por falta de grana, tínhamos de improvisar. Usávamos botões (e os casacões de nossas mães eram uma fonte inesgotável para isso) ou

coisas similares. Entre as coisas similares estavam umas pequenas rodelas de plástico que, na vida real, faziam parte de puxadores – não puxadores de carros, puxadores de gavetas e de portas. Convenientemente lixadas, se transformavam em grandes zagueiros ou atacantes. Não longe de minha casa havia uma pequena fábrica especializada exatamente nisso, em puxadores. E muito malprotegida. De modo que, nos fins de semana, escalávamos o muro e reforçávamos o nosso plantel de jogadores. Se pedíssemos ao dono, ele provavelmente nos forneceria quantos botões quiséssemos, mesmo porque conhecia todos nós. Mas, se o fizesse, tiraria o prazer da transgressão, aquele prazer que levou Adão e Eva a comerem a maçã e a se dedicarem a outros festins menos inocentes. Claro que essa trajetória criminosa não duraria muito; em breve, estaríamos grandes demais para pular o muro. Além disso, lá pelas tantas, os garotos descobrem que há outras coisas na vida além do futebol de mesa. De modo que eu esqueci esse episódio. Mas o computador, não. Atenção, pois, ladrões: nunca roube computadores. Se vocês o fizerem, verão Deus em pessoa na tela, condenando vocês às eternas chamas do inferno.

□ □ □

**Filme** – Freud deve estar dando voltas no túmulo com *Máfia no Divã*. A idéia é ótima: um mafioso (Robert de Niro) tem que se submeter à terapia analítica. Poderia ter rendido muito, mas há dois obstáculos enormes: a história é aguada e o terapeuta é Billy Cristal, que pode servir para apresentador do Oscar, mas é muito fraco num papel que Woody Allen faria de modo soberbo. Em todo caso, é um bom divertimento, sem violência nem efeitos especiais.